

“Morri para inspirar vocês”: uma análise das narrativas em disputa perpetradas por jovens homicidas/suicidas em ambientes escolares

“I died to inspire you”: an analysis of the narratives in dispute perpetrated by school shooters

“Morí para inspirarte”: un análisis de las narrativas en disputa perpetradas por jóvenes homicidas/suicidas en el ámbito escolar

Flora Daemon | floradaemon@yahoo.com.br

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Departamento de Letras e Comunicação. Seropédica, Brasil.

Resumo

Este artigo analisa crimes de homicídio/suicídio cometidos por jovens na circunscrição de instituições de ensino. Nosso foco são os perpetradores que buscam o desenvolvimento de produtos comunicacionais, a partir de linguagens diversas, com o intuito de subsidiar o trabalho de apuração da mídia e, assim, disputar com esta, após a sua morte, o direito de significar midiaticamente. Os jovens homicidas/suicidas se convertem em autores dos delitos e dos discursos na medida em que pretendem fazer resistir suas memórias já na condição de indivíduos mortos. Tal estratégia evidencia um paradoxo: em tempos de grandes investimentos em intervenções que visam à prorrogação da vida, os indivíduos infames utilizam a potência indomesticável da morte para forjar um tipo de existência que passa, necessariamente, pela imagem midiaticizada do crime e pelo autoaniquilamento biológico. Este fenômeno é analisado a partir dos crimes de Cho Seung-Hui, Pekka-Eric Auvinen e Wellington Menezes de Oliveira.

Palavras-chave: homicídio/suicídio; mediatização; morte; tiroteio em escolas; violência.

Abstract

This paper discusses the crimes of murder/suicide committed by young people within the space of educational institutions. Our corpus analysis is restricted to a specific type of perpetrator that seeks the development of communication products, using different styles, in order to support the journalistic work of inquiry about their crimes and, thus be able to intervene and competes with the media for the right to represent and signify themselves, even after their deaths. This young people become authors of the crimes and discourses insofar as they intend to keep their memories alive. Such strategy evidences a paradox: in times of major investment in interventions that target the extension of life, they use the untamable power of death to forge a kind of existence that necessarily involves the media image and biological self-annihilation. This phenomenon will be analyzed from the crimes of Cho Seung-Hui, Pekka-Eric Auvinen and Wellington Menezes de Oliveira.

Keywords: murder/suicide; mediatization; death; school shooting; violence.

Resumen

Este artículo analiza los delitos de homicidio/suicidio cometido por jóvenes en instituciones educativas. Nos centramos en los perpetradores que desarrollan productos de comunicación con el fin de subsidiar el trabajo de investigación que hacen los periódicos. Los jóvenes homicidas/suicidas se convierten en autores de crímenes y de discursos en la medida en que tienen la intención de preservar sus memorias. Esta estrategia presenta una paradoja: en tiempos de grandes inversiones en intervenciones dirigidas a la extensión de la vida, los individuos infames utilizan el poder indomable de la muerte para forjar un tipo de existencia que implica necesariamente la imagen mediática del crimen y la autoaniquilación biológica. Este fenómeno será analizado desde los crímenes de Cho Seung-Hui, Pekka-Eric Auvinen y Wellington Menezes de Oliveira.

Palabras clave: homicidio/suicidio; mediatización; muerte; tiroteo en escuelas; violencia.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores: a autora é responsável por todas as etapas do artigo.

Declaração de conflito de interesses: Não há.

Fontes de financiamento: Este estudo foi desenvolvido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES/PNPD.

Considerações éticas: Nada a declarar

Agradecimento/Contribuições adicionais: Profa. Dra. Ana Lucia Enne, supervisora da pesquisa.

Histórico do artigo: Submetido: 11.maio.2016 | Aceito: 16.set.2016 | Publicado: 23.dez.2016.

Apresentação anterior: O artigo foi apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade do Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação 2015.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciiis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Introdução

Focalizaremos, neste artigo, as estratégias midiáticas postas em prática e de maneira indissociável os eventos criminosos elaborados pelo sul-coreano radicado nos Estados Unidos Cho Seung-Hui, o finlandês Pekka-Eric Auvinen e o brasileiro Wellington Menezes de Oliveira. Estes, juntamente com outros jovens de seu tempo, consolidam o que consideramos ser um fenômeno contemporâneo, potencializado pela introjeção do olhar alheio, a partir de uma cultura da hipervisibilidade, como veremos adiante, em que produtos comunicacionais se apresentam de forma estratégica e indissociável ao próprio ato delituoso. A percepção de não isolamento de tais episódios nos parece fundamental para compreendermos a dimensão dialógica evidente entre diversos casos de homicídio/suicídio em ambientes educacionais praticados ao redor do planeta.

Tal conexão entre os projetosⁱ, nos moldes propostos por Gilberto Velho¹ que são, simultaneamente, criminosos e comunicacionais, pode ser evidenciada a partir da similaridade dos produtos deixados pelos jovens homicidas/suicidas numa espécie de inventário fúnebre e midiático. São vídeos, fotografias e textos desenvolvidos claramente para serem observados após a execução da obra criminosa e para inspirar ‘novos irmãos’ ou, em outras palavras, são produções que pressupõem um consumo *post mortem* com o intuito de viabilizar a gestão da eternidade.

Tomamos como ponto de partida a ideia de que, com o gesto criminoso, tais jovens se convertem em sujeitos infames do delito e do discurso² e encarnam um paradoxo: em tempos de grandes investimentos em técnicas e intervenções que visam à prorrogação da vida, eles se investem da potência indomesticável da morte para forjar um tipo de existência que passa, necessariamente, pela imagem midiaticizada e pelo autoaniquilamento biológico³. Trata-se, assim, da conversão da instância midiática em instrumento para que tais sujeitos materializem, discursivamente, sua (re)existência. Articulam-se, nesta estratégia, a potência memorável da indomesticabilidade da morte e o caráter dialógico dessas práticas criminais.

Tal embate é resultado do aprimoramento de uma competência comunicacional, fruto de um intenso processo de midiaticização, que fomenta nesses indivíduos a percepção de uma existência *post mortem* que se viabiliza por meio de operações midiáticas sustentadas por operaçõesⁱⁱ de memória. Defendemos, pois, que o que os torna singulares é justamente uma postura que vai além desse acolhimento da morte: eles a convocam, flertam com ela para, em seguida, explorar social e midiaticamente sua potência.

O caso Cho Seung-Hui

O jovem sul-coreano, de 23 anos, vivia em Blacksburg, Virgínia, desde a infância. Em abril de 2007, ele realizou o maior massacre a estudantes em uma universidade norte-americana, gerando 33 mortes, incluindo a sua própria. O episódio ficou conhecido como o Massacre de Virginia Tech.

Vítima de *bullying* e motivado por desejo de vingança, Seung-Hui, após os primeiros homicídios, enviou pelo serviço postal à NBC News um pacote que continha o chamado “Manifesto Multimídia”, conforme nomeou a emissora. O pacote contava com textos, autorretratos portando armas e em diversas posições, além de vídeos que buscavam explicar o massacre que viria a cometer.

A questão que se coloca é o grau de consciência empregado por Seung-Hui no desenvolvimento de tal projeto criminoso no que se refere à tentativa de extrair o máximo de potência da visibilidade midiática. Ao pensar os produtos comunicacionais voltados para o consumo social posterior à sua própria morte, o jovem buscou transitar, no momento de proferir seus discursos, entre o sujeito que ameaça, ainda na condição de indivíduo biologicamente vivo e, também, de autor de crimes já ocorridos, como veremos.

i Tal como Matti Juhani Saari, Jeffrey Weise e Mohamed Merah que também são foco de nossa investigação mais ampla.

ii Estamos nos referindo à prática jornalística de rememoração de eventos de natureza semelhante a partir da republicação de notícias por meio do uso de suítes. A proposta editorial, neste sentido, pretende apresentar um encadeamento entre os fatos narrados jornalisticamente.

O morticínio que imortalizou seu nome também gravou na materialidade da instituição de ensino o local onde ocorreu cada morte. Os lugares de memória, criados com a função de evitar o esquecimento⁴ experimentariam, nesta perspectiva, uma subversão violenta: não há como esquecer Virginia Tech. Por mais dolorosas que sejam as memórias desses crimes, apagá-las socialmente implicaria, também, condenar duplamente suas vítimas, desta vez à solidão. A existência *post mortem* de Cho Seung-Hui estaria vinculada às memórias daqueles que matou.

A preservação da memória, conforme explica Jacques Le Goff⁵, muitas vezes passa pela tentativa de sua domesticação. Ao relacionar a palavra escrita com os intentos de controle, ele reitera que tal seleção se dá, sobretudo, quando os relatos que se consolidam são interessantes ao poder. O historiador apresenta, neste sentido, a memória como terreno de disputas em que seriam forjadas estratégias diversas e cita uma prática rotineiramente utilizada pelo senado romano contra os imperadores obcecados pelo que chamou de “delírio da memória epigráfica”. Trata-se de um revide baseado na ideia de ‘danação da memória’ que faria “desaparecer o nome do imperador defunto dos documentos de arquivo e das inscrições monumentais. Ao poder pela memória responde a destruição da memória”.

Após os atentados, estudantes de Virginia Tech improvisaram um local na universidade para o qual deveriam convergir os tributos aos mortos. Durante certo período, porém, de acordo com o jornal *The Roanoke Times*, havia um espaço dedicado à memória da trigésima terceira vítima: “Por um tempo, pelo menos, o memorial *ad hoc* incluiu uma pedra para Cho. A nova versão não”ⁱⁱⁱ. Esse novo memorial foi planejado e executado pela universidade e se materializou como um lugar de memória. O objetivo descrito no site institucional de Virginia Tech batizado como *WeRemember*^{iv} é, de fato, nunca esquecer.

Parte fundante de tal projeto foi amplamente repercutida pelos veículos de comunicação, conforme planejado por seu autor. Nos vídeos veiculados pela NBC News é possível identificar cortes de edição que indicavam gravações em momentos e locais distintos. A variação do tom de voz, da vestimenta e, sobretudo, do tempo verbal na fala de Seung-Hui merecem atenção.



“Eu posso não ser nada além de um pedaço de *merda*. Vocês vandalizaram meu coração, violaram minha alma e queimaram minha consciência. Vocês pensaram que era a vida de um garoto patético que destruíam. Graças a vocês morri como Jesus Cristo para inspirar gerações de fracos e indefesos”.

Figura 1 - Trecho de um dos vídeos de Cho Seung-Hui
Fonte: NBC News (2007), traduzido pela autora.

É possível identificar, no discurso de Seung-Hui, duas questões importantes: por um lado, a invocação da ideia de herói; por outro, a dimensão do indivíduo mártir que se sacrifica em nome de outrem. Tal percepção fica evidente, por exemplo, na referência a Jesus Cristo e no desejo de inspiração de outras gerações presentes na fala do sul-coreano. Se refizermos, brevemente, o percurso do filósofo francês Jean-Pierre Vernant⁶ a respeito do destino de morte (*móira*) para o sujeito herói, veremos que ele depende diretamente da sabedoria com a qual conduzirá seu fim. Para que tal imortalização fosse possível, uma

iii Disponível em: www.roanoke.com/vtmemorials/wb/125534.

iv Disponível em: <https://www.weremember.vt.edu/memorial.html>.

figura deveria ser central no processo de mediação e consagração dos gloriosos: o poeta que transitava entre a vidência e a palavra que dava sentido ao mundo. Trata-se, deste modo, da “*kleos*, a glória que o poeta transmitia, através da palavra, de geração em geração”⁷. Ao mesmo tempo em que era ofício dos poetas a definição sobre a quem recairia a “potência vivificante da memória”, inevitavelmente a ele era atribuído o poder de determinar o esquecimento que, neste contexto, seria equivalente à morte, conforme lembra Maria Cristina Franco Ferraz⁷.

E a memória que perdura, neste sentido, possui dupla função: conservar tanto o feito, o ato narrativo que consagrou o sujeito ordinário como indivíduo herói, quanto a imagem mnemônica daquele que foi capaz do sacrifício. Além da proclamação poética, a glória imorredoura depende do canto público que converte os heróis postos em figuras presentificadas na comunidade dos vivos. Vernant lembra que a “verdadeira morte é o esquecimento, o silêncio, a obscura indignidade, a ausência de fama. Ao contrário, existir é – esteja vivo ou morto – ser reconhecido, estimado, honrado; e sobretudo ser glorificado”⁶.

De maneira análoga, é possível pensar que da mesma forma em que o ato heroico necessita das palavras mágicas do poeta que o consagrará, o gesto vil homicida/suicida carece da repercussão social potencializada com a atuação da mídia. Ou, dito de outra forma, a referida dimensão heroica experimentada na Grécia antiga é, aqui, reatualizada e subvertida pelos jovens infames, que substituem o trabalho de gravação na memória dos homens, forjado pelas palavras do poeta, pela materialização nos anais da história por meio da cobertura midiática.



“Eu não tinha que fazer isso. Eu poderia ter abandonado. Ter fugido. Mas não. Não vou mais correr. Correr não é pra mim. Pelos meus filhos, pelos meus irmãos e irmãs que vocês *foderam*. Eu fiz por eles”.

Figura 2 - Trecho de um dos vídeos de Cho Seung-Hui
Fonte: NBC News (2007), traduzido pela autora.

Cho Seung-Hui transitou, ao menos discursivamente, entre vários tempos da experiência. Sua produção parecia se preocupar com o consumo dos produtos midiáticos desenvolvidos por ele como se sua audiência, ao ouvi-lo falar, pudesse ter contato com o eco de uma voz vinda de um lugar outro que superaria os limites da condição humana: ele fala como se estivesse do ‘lado de lá da vida’. Esta parece ser a materialização no dizer do aspecto dialógico dos discursos que, de certa forma, evidencia sua própria ambiguidade.

Entendemos, assim, que na medida em que o texto de Seung-Hui não é, de fato, uma ameaça, visto que não foi divulgado antes dos homicídios, pode ser compreendido como algo que teria a função de complementar o próprio crime tanto quanto de ser uma elaboração prévia que poderia ter o efeito de encorajamento. Trata-se, em última análise, de uma espécie de antecipação de duplo sentido: do delito e, também, da morte.

Esse seria o momento em que o sul-coreano se tornaria, para nos apropriarmos das palavras de Foucault, sujeito do crime e do discurso. Tal como Pierre Rivière, foco das pesquisas do filósofo, Seung-Hui passou a ser “o autor de tudo isto: autor do crime e autor do texto [...]. Executou seu crime no nível de uma certa prática discursiva e do saber que a ele está ligado”².

A partir do momento em que o jovem decidiu por fim à sua vida, parece ter percebido que sua ‘(re) existência’ dependeria da capacidade de penetrar profundamente na memória dos homens. A ideia de deslocar-se socialmente de um *status* de semi-invisibilidade para ascender a uma condição de ‘inscrição’

efetiva carceraria, dessa forma, de um empreendimento de forças que o jovem somente teria visualizado na morte necessariamente midiaticizada.

Seung-Hui buscou inscrever neste turbulento mundo de textos também fotografias em que se colocava em ‘cenas’ que subsidiariam o trabalho jornalístico. Ao enviar 29 fotos à NBC News, após cometer o maior número de assassinatos em uma instituição educacional nos Estados Unidos, ele sabia que a probabilidade de sua veiculação era, de fato, grande. Afinal, todos ansiavam por informações a respeito do jovem que partiu da “invisibilidade” à “infâmia” – como uma modalidade universal da fama, conforme descreveu Pessoa⁸ –, tão violenta e rapidamente. Conforme alertou Sibília, “usar palavras e imagens é agir: graças a elas podemos criar universos e com elas construímos nossas subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações”⁹.



Figura 3 - Fotografias enviadas, por Cho Seung-Hui, à imprensa por meio do “Manifesto Multimídia”
Fonte: NBC News (2007).

Essas fotografias, como veremos adiante, são reatualizadas em acervos midiaticizados fúnebres ou ‘pacotes midiáticos’ de outros jovens homicidas/suicidas. Ainda que não seja o primeiro estudante a cometer um morticínio nos Estados Unidos, Cho Seung-Hui conseguiu com seu feito infame viabilizar a inspiração de novos autores de massacres similares numa perspectiva evidentemente dialógica.

O caso Pekka-Eric Auvinen

Aluno regular da Escola Secundária de Jokela, situada na cidade de Tuusula, no sul da Finlândia, Pekka-Eric matou a tiros, em 7 de novembro de 2007, seis alunos, uma enfermeira e a diretora da instituição de ensino. Após os assassinatos, também colocou fim à sua vida. Na ocasião, o estudante tinha 18 anos.

O caso Pekka-Eric, neste sentido, apresenta elementos caros à nossa análise na medida em que incorpora ao crime que executou conteúdos e estratégias midiáticas distintas daquelas experimentadas por Cho Seung-Hui, ainda que seja possível identificar diálogos entre os referidos projetos criminais. No que se refere aos conteúdos midiáticos, pode-se dizer que o jovem faz referência aos produtos desenvolvidos por Cho Seung-Hui em seu “media pack” intitulado “Pekka-Eric Auvinen Jokela High School Massacre”^v, que

v Disponível em: <http://misc.nybergh.net/pub/jokela/>

continha uma composição musical de sua autoria que teria a função de ser trilha sonora para seus crimes, um texto que parecia simular um boletim de ocorrência policial, vídeos de prática de tiro, fotografias suas e de arma usada no crime, além de um manifesto que visava explicar suas motivações.

Aparentemente o jovem tinha consciência de que haveria uma tentativa de coibir o alcance de suas produções midiáticas, evidenciando, mais uma vez, que possuía uma compreensão do processo ao qual sua obra seria submetida. Na medida em que a comunicação é elemento central desse projeto criminoso, garantir a audiência e, quem sabe, eco para sua voz, tornou-se uma tarefa de primeira ordem. Uma das alternativas, neste sentido, foi publicá-las num servidor de livre acesso na internet através do qual outras pessoas, incluindo jornalistas, pudessem viabilizar uma cópia de sua mensagem. Pekka-Eric publicou seu “*media pack*” no site de compartilhamentos Rapidshare. Tal como previsto por ele, durante as investigações a polícia viabilizou a retirada dos conteúdos do servidor. Tal gesto, no entanto, não impossibilitou a difusão de suas mensagens. Ainda hoje, por meio do trabalho de sujeitos anônimos na internet, é possível acessar o “*media pack*”.

Tal como Cho Seung-Hui, Pekka-Eric também conservou em seu acervo fotografias que poderiam ter utilidades diversas: desde o subsídio ao trabalho dos meios de comunicação que, como ele havia previsto, necessitariam de imagens para contar aquela história, até a ideia de adoração de sua imagem. Qualquer que tenha sido o uso dado, o projeto de perdurar socialmente, por meio de um *media pack*, parece contemplado.

Um dos produtos do finlandês é o vídeo intitulado *Jokela High School Massacre*, publicado por ele no YouTube, em 11/7/2007, poucas horas antes dos crimes. O vídeo tem início com um quadro preto que, após dez segundos, apresenta um *fade in* e começa a revelar (clareando lentamente) a imagem da escola secundária. Pouco tempo depois, um efeito de estilhaço surge em vermelho transformando a fotografia do liceu na imagem de Auvinen com a arma em punho apontando na direção de quem assiste ao vídeo. Em seguida uma nova imagem do jovem aparece, desta vez com uma angulação diferente que faz com que a arma esconda parte de seu rosto ainda que se mantenha direcionada para frente. Esta tem a duração de mais vinte segundos até que o vídeo é finalizado com um *fade out*.



Figura 4 - Montagem elaborada pela autora para demonstrar trechos citados do vídeo de Pekka-Eric Auvinen. Fonte: Daemon (2015).

O vídeo apresenta ainda uma trilha sonora que é sincronizada com imagens e, sobretudo, com a alternância delas. Trata-se de uma música da banda KMFDM intitulada *Stray Bullet*, que, em português, significa Bala perdida. Não nos parece que a escolha tenha sido casual. Eric Harris, um dos jovens autores do chamado Massacre de Columbine, teria publicado a composição em seu *website* antes de cometer os homicídios e de se suicidar juntamente com Dylan Klebold, em 1999. A partir de uma letra de ostentação da agressividade, de alguma forma, o jovem norte-americano do Colorado e o finlandês de Tuusula, mais uma vez confirmaram o caráter dialógico – e transnacional – desses crimes.

Outro elemento interessante evidente tanto nesse vídeo quanto naquele que detalharemos a seguir é a proximidade com a estética do videoclipe que, por exemplo, não encontramos nos materiais de Cho Seung-Hui. A junção imagem-áudio, somada a uma edição que se pauta pela sonoridade, parece muito similar à linguagem de clipes musicais.



Figura 5 - Montagem feita para demonstrar trechos do vídeo feito pelo pai de Pekka-Eric
Fonte: Daemon (2015)

As imagens acima estão presentes num vídeo nomeado como For Our Son, publicado no YouTube pelo pai de Pekka-Eric, um músico e trabalhador ferroviário. Alguns detalhes devem ser observados: o primeiro deles se refere à provável tentativa de fazer resistir nas redes uma outra memória sobre o jovem de Tuusula, distinta daquela partilhada mundialmente. Tal reminiscência, acionada apenas afetivamente, parece ter sido compartilhada com o intuito de homenagear e, também, complexificar a imagem de um filho que foi muitas outras coisas além de um homicida/suicida.

O que está em jogo, afinal, é a maneira como a imagem de Pekka-Eric vai perdurar. O jovem, durante o desenvolvimento de seu projeto homicida/suicida, planejou uma amplificação de sua existência e causa, mesmo que para tanto fosse necessário ‘explodir’ o sentido biológico. Os meios de comunicação, sobretudo a partir dos conteúdos que foram fornecidos pelo midiático Pekka-Eric Auvinen, buscaram dar sentido ao evento violento quase sempre ratificando a crueldade “inevitável” do estudante de Tuusula. Por fim, sua família se dedicou, também midiaticamente, combinando vídeos, fotografias e trilha sonora, a disputar a duração dessa lembrança. Vítima de *bullying* e de um sistema de ensino rígido ou rapaz perverso incurável, Pekka-Eric consegue transcender tais classificações que se apresentam como hegemônicas para, como veremos a seguir, continuar a fortalecer esse triste fenômeno em ascensão: o morticínio seguido de autoaniquilamento midiáticos em nome de uma causa e de uma dor.

O caso Wellington Menezes de Oliveira

O episódio protagonizado pelo jovem morador de Realengo, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, é o último caso que abordaremos neste artigo. Wellington Menezes de Oliveira tinha 23 anos quando invadiu sua antiga instituição de ensino, a Escola Municipal Tasso da Silveira, em abril de 2011, matou doze estudantes e deixou outros feridos. Após os homicídios, tal como planejado, Wellington também deu fim à sua vida. A eleição da escola como cenário para a execução dos crimes, tal como nos eventos anteriores, não é casual. Wellington foi declaradamente vítima de *bullying*.

Ao contrário dos demais casos que analisamos, Wellington não remeteu seus produtos comunicacionais – fotografias e vídeos – a nenhuma emissora de televisão ou os publicou na internet. Os conteúdos foram deliberadamente deixados em sua casa e, como veremos, possuem semelhanças tanto com o caso Cho Seung-Hui quanto com os episódios protagonizados por Pekka-Eric Auvinen.



Figura 6 - Imagem de Wellington Menezes de Oliveira extraída de um de seus vídeos
 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=f80hru-QyJU>

As feições de Wellington permanecem basicamente inalteradas durante todo o vídeo. A variação no tempo verbal se destaca. Logo no início do vídeo a ‘confusão’ entre o discurso proferido por um homem vivo, mas para ser consumido quando o protagonista estiver morto, fica evidente. Wellington se refere a dois outros jovens homicidas/suicidas que escolheram a escola como palco para seus crimes, como igualmente mártires: Cho Seung-Hui, dos Estados Unidos, e Edmar Aparecido Alves, do interior de São Paulo. Outro elemento interessante é a alusão à internet e seus possíveis usos: desde pesquisa para fins de ‘proteção’ e ‘revide’ até para agregação em torno da causa por meio das redes sociais.

Quando optamos por reunir os casos Cho Seung-Hui, Pekka-Eric Auvinen e Wellington Menezes de Oliveira acreditamos que tais similaridades apontariam, principalmente, para o caráter dialógico de suas produções. Pekka-Eric, tal como Cho Seung-Hui, escolhe um pacote midiático para conter seus produtos comunicacionais, mas, ao contrário do sul-coreano, não acredita que uma emissora de televisão, na qualidade de mídia hegemônica, seja a melhor forma de garantir visibilidade a seus discursos e, desta forma, elege a potência da internet como meio.

O jovem carioca, por sua vez, faz referência, direta e indireta aos produtos de Cho Seung-Hui e Pekka-Eric Auvinen, mas não ousa externalizar seus intentos por meio de remessas aos veículos de comunicação legitimados ou para o mundo anônimo da internet. Talvez, ao contrário de ser uma atitude conservadora, a sua tenha sido o último degrau da competência midiática galgado por este jovem: Wellington não carecia divulgar para garantir audiência para sua história e causa; ele sabia que estas eram suficientemente fortes para ‘exigirem’ do sistema – e aqui estamos nos referindo tanto à política de segurança pública quanto à política de comunicação – que elas fossem ao ar.

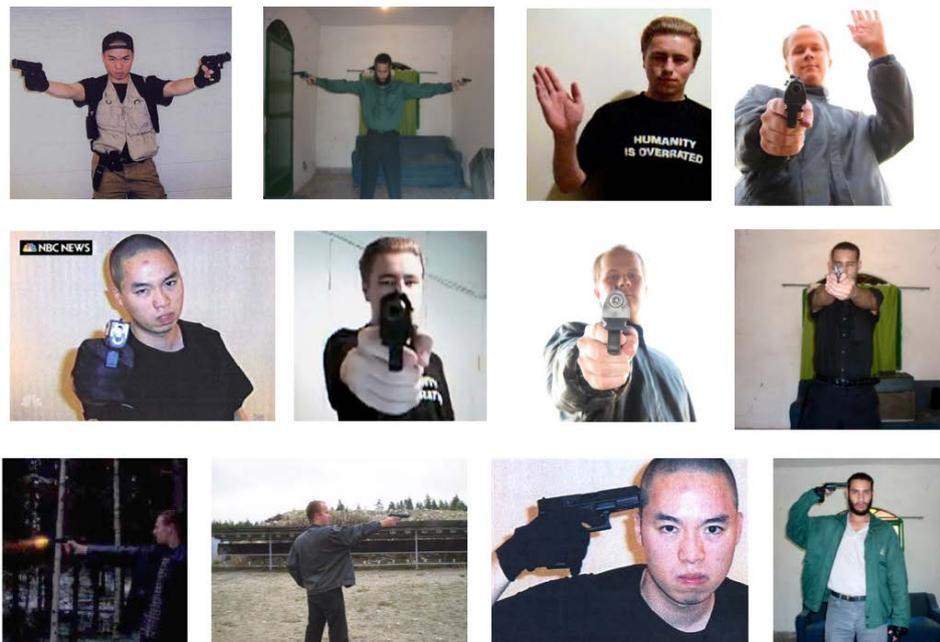


Figura 7 - Montagem a partir das similaridades entre as fotos dos homicidas/suicidas: Cho Seung-Hui, Pekka-Eric Auvinen, Matti Saari e Wellington Menezes de Oliveira
 Fonte: Daemon (2015)

A montagem criada a partir das fotografias que compunham os pacotes midiáticos produzidos pelos jovens explicita, por um lado, a similaridade de desenvolvimento do próprio ato criminoso (uma grande quantidade de homicídios praticados em um mesmo local, o que conferiu aos perpetradores a classificação de *spreekiller*) e, também, a realização de referências aos produtos comunicacionais realizados pelos *schoolshooters* que antecederam seus próprios crimes. Como uma espécie de ‘obra em desenvolvimento’ que se sustenta em sua própria incompletude, os produtos comunicacionais ostentam o diálogo e a alusão aos crimes já praticados reiterando, assim, o intuito de fomentar a rememoração dos eventos criminais anteriores, por meio, sobretudo, do trabalho da mídia.

A potência herostrática

Até aqui refletimos sobre o gesto de acolher a morte como uma espécie de subversão da conduta do sujeito herói que, como vimos, não foge a seu destino. Aos poucos, os autores das façanhas que analisamos apresentaram tanto especificidades quanto regularidades em suas produções midiáticas. Acreditamos que existem três eixos fundamentais que compõem a dimensão de tais feitos: um *projeto* constituído em perspectiva dialógica que viabilize a *inscrição social* a partir de um jogo entre memória e discurso que se concretizaria por meio de uma *obra pública*.

Como vimos, para permanecer é preciso durar. E não parece possível pensar a perenidade sem buscar refletir sobre o significado do desejo de ‘inscrição social’. José Gil¹⁰ desenvolve uma análise a respeito da história do povo português e de sua dificuldade de “existir”¹⁰. Trata-se de uma “vontade desesperada de inscrever, de registrar para dar consistência ao que tende incessantemente a desvanecer-se”¹⁰ como, também, a vida humana. A *inscrição* se refere, lembra o filósofo, essencialmente a uma ação afirmativa voltada para a conquista da autonomia e, também, para desvendar o sentido de nossas existências. Essa teoria, por sua vez, nos remete a outra questão: e se o propósito de algumas vidas parecer, para determinados sujeitos, seu próprio aniquilamento? O risco de tal destruição não seria o de *des-inscrever-se*, para usarmos os termos de Gil? “Porque a morte, como acontecimento irremediável e necessariamente trágico (ontologicamente

trágico, como des-inscrição radical de uma existência na vida), deve inscrever-se na vida para que esta se torne possível e faça sentido para os vivos”¹⁰.

Recorreremos, neste momento, a uma referência literária que faz alusão e, de certa forma, baseia-se na peripécia de um sujeito grego que, por séculos, permaneceu inominado. Nossa proposta é que estendamos por mais algumas linhas tal caráter obscuro dessa narrativa a fim de tentar promover uma experimentação similar àquela vivenciada por aqueles que (re)descobrem esta instigante personagem.

Sartre¹¹ apresenta Paul Hilbert, um morador de Paris que secretamente detesta humanos. Ao longo do desenvolvimento do conto vamos nos tornando íntimos, quase cúmplices, de um sujeito que, ao mesmo tempo em que apresentava uma insegurança “essencial”, possuía uma aversão a tudo que é humano:

Eu olhava as costas das pessoas e imaginava, conforme seu andar, a maneira como cairiam se eu lhes desse um tiro. [...] Eu enfiara a mão direita no bolso e apertava com toda a força a coronha da arma. Ao fim de algum tempo eu me via prestes a atirar. [...] Era uma brincadeira muito enervante; minhas mãos tremiam, e eu acabava tendo de ir tomar um conhaque lá no Dreher para me refazer”.

O intento de Hilbert englobava elementos imprescindíveis: o assassinio, seu suicídio e, fundamentalmente, a repercussão social destes atos. Ao decidir dar início a seu plano resolve, então, ocupar-se da publicidade. Ele começa por travar uma conversa com seus colegas de trabalho a respeito dos heróis que admiravam:

- Quanto a mim, gosto dos heróis negros.
- Os pretos? – perguntou Massé.
- Não, negros, como se diz em magia negra.[...]
- Um anarquista – resumiu Lemercier.
- Não – disse docemente –, os anarquistas gostam dos homens à sua maneira.
- Então, seria um biruta.

Mas Massé, que era letrado, interveio nesse momento:

- Eu conheço o seu tipo – disse-me. – Chama-se Erostrato. Ele queria tornar-se ilustre e não achou nada melhor do que incendiar o templo de Éfeso, uma das sete maravilhas do mundo.
- E como se chamava o arquiteto desse templo?
- Não me lembro mais – confessou –, creio mesmo que não se sabe o nome dele.
- Então? Você se lembra do nome de Erostrato? Bem se vê que o cálculo dele não foi tão errado! [...]”¹¹.

Durante o diálogo, Hilbert claramente não tomou consciência dos detalhes da aventura de Herostratus. Era o ano 356 A.C., na Grécia, quando esse jovem camponês se engajou numa audaciosa empreitada em busca da consolidação de uma existência memorável. Para tornar-se inesquecível incendiou uma das sete maravilhas do mundo antigo, o templo de Ártemis (Diana), na cidade de Éfeso. O gesto criminoso, justificado a partir da ideia de imortalização, rendeu ao autor do delito um curioso fim: com o intuito de coibir iniciativas semelhantes, as autoridades da época executaram o incendiário grego e tentaram condenar seu gesto ao esquecimento, proibindo qualquer menção ao seu nome e, por consequência, ao seu ato. Quem ousasse relembrar a autoria do feito seria, tal como o criminoso, executado de forma exemplar.

Ainda assim, para a personagem de Sartre, as opiniões verbalizadas durante a conversa foram suficientes para registrar na memória de seus colegas aspectos que poderiam ser potencialmente usados para constituição de seu perfil *a posteriori* – após o acontecimento criminoso – e, de certa forma, incentivá-lo: “Quanto a mim, que até então jamais ouvira falar de Erostrato, sua história me encorajou. Havia mais de dois mil anos que ele estava morto e sua ação brilhava ainda, como um diamante negro”¹¹.

O conto, nesse sentido, oferece outros elementos interessantes à nossa reflexão que são apresentados a partir da decisão de Hilbert de enviar cartas a centenas de escritores franceses que alçavam grande volume de vendas:

*O senhor terá curiosidade de saber, suponho, quem pode ser o homem que não gosta de homens. Pois bem, sou eu, e eu os amo tão pouco que vou, agora mesmo, matar uma meia dúzia deles; [...] Vou pegar agora mesmo meu revólver, descerei para a rua e verei se é possível executar bem alguma coisa contra eles. Adeus, o senhor talvez seja quem vou encontrar. Não saberá jamais com que prazer explodirei seus miolos. Senão – o que é mais provável –, leia os jornais amanhã. Lá verá que um indivíduo chamado Paul Hilbert matou, numa crise de furor, cinco transeuntes no Boulevard Edgar-Quinet. O senhor, melhor que ninguém, sabe o que vale a prosa dos grandes diários*¹¹.

Herostratus, inspiração para personagem do conto de Sartre é, para nós, um emblema de um projeto de inscrição social *post mortem* viabilizado por meio de um evento vigoroso de grandes proporções e, por isso, memorável. À ousadia do camponês, aparentemente, apenas uma resposta igualmente enérgica poderia neutralizar. Esta surgiu como uma tentativa de arruinar os planos do efésio, tal como o mesmo fizera com o templo de Ártemis. Ao desenvolver o plano do incêndio, é possível acreditar que parte da punição a qual seria submetido foi prevista por Herostratus: sua morte era fundamental para que seu intento se completasse. O desdobramento de sua pena, no entanto, certamente não foi imaginado: ao condená-lo ao silêncio e ao esquecimento, as autoridades viabilizaram o castigo perfeito àquele que buscou a notoriedade absurda.

Defendemos, assim, que a tentativa de apagamento discursivo da saga de Herostratus deixa vestígios que possibilitam a irrupção de uma espécie de discurso em espiral: sua força residiria justamente no potencial violento tanto de sua obra criminosa, quanto de sua memória. Em outras palavras, a extinção do registro de sua figura como sina, possibilitada pela ação do homem ou do próprio tempo, traz também, como resposta, seu renascimento intensificado pelos anos de silêncio. Estaríamos diante da força da (re)descoberta.

Ao focalizarmos os eventos criminosos protagonizados pelos homicidas/suicidas, é possível verificar que cada novo morticínio praticado por eles se constituirá, como vimos, a partir de uma espécie de diálogo com os anteriores. Mais do que isso, eles receberão tratamento semelhante dos meios de comunicação que, sob o argumento da informação, tendem a relembrar violências anteriores a partir de pontos de convergência partilhados por esses sujeitos do crime. Teremos, então, mais uma vez a metáfora da espiral. É nesse sentido que propomos, aqui, atualizar a potência da saga de Herostratus para pensar analiticamente esse fenômeno contemporâneo, no qual os fluxos memoráveis, os jogos de silenciamento e a transcendência se materializariam em relações dialógicas entre projetos, trajetórias e indivíduos.

O que determinará o destino de tais experimentações midiáticas será, por um lado, o poder de alcance de seus conteúdos e, por outro, o grau de repercussão que implicarão socialmente. As reações podem variar entre respostas comovidas ou de repulsa, forjadas por cidadãos amparados ou não por instituições, como vimos com a criação de um memorial das vítimas do chamado Massacre de Virginia Tech; o recrudescimento de legislações ou da política de policiamento dentro e fora de ambientes educacionais; as disputas pelas memórias que perdurarão por seus descendentes vivos (das vítimas e/ou do autor do crime) e vão depender principalmente, da capacidade desses jovens criminosos de, por meio de seus discursos, encontrar e criar eco em pessoas ao redor do planeta que se identifiquem com suas causas e sofrimentos.

Considerações finais

Na medida em que propomos uma investigação acerca de processos de vitimização deflagrados e amplificados na internet, dedicamo-nos aos sujeitos jovens que, não por acaso, elegem o *bullying* como a demonstração mais evidente de uma dinâmica social voltada para o *outro*, para a imagem de *si* diante do olhar alheio. Para conformar esse cenário, diversos elementos são acionados de forma a possibilitar tal percepção. Essa receita inclui, fundamentalmente, um processo de crise das instituições, uma cultura de vigilância que se converte em gestos voluntários de autoexposição, trajetórias de vida narradas a partir da lógica do sucesso e de uma perspectiva performática que pressupõe, inclusive, seu registro e difusão.

Mas não por acaso esses jovens escolhem como palco de seus crimes instituições de ensino. A escola, na qualidade de principal ambiente de sociabilidade de crianças e adolescentes, foi criada “com o objetivo de atender a um conjunto de demandas específicas do projeto histórico que a planejou e procurou pô-la em prática: a modernidade”¹². A ideia era a de que, a partir de um princípio autocreditado como democrático, se buscava educar todos os cidadãos. Essa proposta que se fundou, discursivamente, no princípio da democracia possuía, por sua vez, um caráter distante de uma perspectiva que se fundamentasse nos ideários de respeito à pluralidade, por exemplo.

Perceber a alteração na topografia pedagógica da escola com a introdução dos dispositivos tecnológicos é fundamental para dimensionar a complexidade desse cenário a partir do qual se exercitará toda sorte de violência – física e/ou simbólica – e, também, um ambiente propício para a emergência de atos extremos como os praticados pelos jovens *bullies* e por suas vítimas que se convertem em algozes. Sibilia ressalta uma mudança determinante desse contexto: “A sociedade contemporânea aponta cada vez menos para o disciplinamento precoce e vertical de todos os corpos, privilegiando em troca um controle permanente, horizontal e minucioso”¹³. Essa visão é passível de confirmação por meio de uma simples visita às instituições educacionais: quase todas, públicas ou privadas, contam hoje com um sistema de vigilância a partir de câmeras internas que captam tanto ‘eventuais vandalismos’ e ‘atos ilícitos’ quanto práticas cotidianas de sociabilidade dos alunos, mesmo que estas estejam distantes de serem classificadas como perigosas. A lógica da suspeição, nesse sentido, não só é implementada como muitas vezes aclamada por professores, familiares e até estudantes que introjetam e naturalizam tais políticas de vigilância a partir da ideia tão alardeada de que “quem não deve, não teme”.

Tal descrição parece ainda mais coerente se lembrarmos que a cultura da hipervisibilidade em que estamos inseridos não só é consumida de forma a entreter, como também de nos proteger daqueles que ‘não se parecem’ conosco. Em nome de uma pretensa segurança, abre-se mão do direito à privacidade e, sobretudo, do gozo de uma sociabilidade não mediada pela interferência consciente de uma câmera que submete todos. O crescimento da indústria tecnológica voltada para o desenvolvimento de dispositivos de controle é proporcional ao apoio público conferido à política de vigilância. Novos artefatos e *softwares* são desenvolvidos todos os dias com o intuito de descartar qualquer possibilidade de miopia dessas lentes. Trata-se da terceira geração de tecnologias de videovigilância, operada por meio das *smartcameras* que devem reconhecer e diferenciar “padrões regulares de conduta e ocupação do espaço, tidos como seguros, e padrões irregulares, categorizados como suspeitos, perigosos ou simplesmente não funcionais”¹³.

Essa cultura da vigilância, por sua vez, mais do que consentida pelos jovens estudantes, é rotineiramente apropriada por eles, ao captarem e publicizarem violências praticadas entre seus colegas, dentro ou fora da escola. O hábito, partilhado por alunos de diversas faixas etárias e de ambos os gêneros, traz em si a perversidade da captura e a inversão do princípio (e do propósito) inibidor do controle: agora, quem expõe e, em alguma medida, incita e fortalece o *ethos* agressivo são os próprios vigiados que, por meio de seus dispositivos tecnológicos, registram e veiculam a imagem da violência que se passa dentro do espectro da violência da imagem vigiada. “Se a subjetividade contemporânea se torna ‘controlada’, isso não se dá [...]

sob o peso moral da lei, mas pela ameaça da exclusão – ou até da inexistência – que pode ser provocada pela falta de alguém que (me) olhe”, explica Sibilía¹⁴.

Tais imagens ‘produzidas’ por estudantes – no sentido tanto de produto como de captação – têm como destino final mais uma tela: a da mídia hegemônica que repercute, quase sempre superficialmente, a ‘barbárie’ dos jovens contemporâneos. Estamos diante de um cenário bastante complexo afetado diretamente por múltiplas tendências de consumo de estilos de vida que, por sua vez, são atravessadas por necessidades que se pretendem ‘quase orgânicas’ de existir, também, nas redes. Ser, midiaticamente, neste sentido, significa lançar mão de imagens, discursos e experiências que, muitas vezes, parecem carecer de grande visibilidade.

A própria estrutura do *bullying* se organiza a partir do olhar do outro. Tais aspectos são aprofundados por Paulo Vaz ao identificar que há, nos últimos anos, uma mudança na compreensão do que se considera como agressão a partir de um passagem do corporal ao psíquico que “passa a incluir tanto uma dimensão verbal (como a fofoca), quanto emocional (diferentes práticas de discriminação e exclusão)”¹⁵. A discriminação é apontada pelo pesquisador como a razão pela qual o *bullying* passa a ocupar o centro da moralidade contemporânea: “É como se o conceito descrevesse os casos onde a tolerância, valor maior das culturas ocidentais contemporâneas, não vigora”¹⁵.

Trata-se de uma mudança nas formas de sociabilidade experimentadas no espaço da escola, como ambiente primordial para o desenvolvimento do *bullying*: a substituição do sentimento de culpa pela vergonha. “Para empezar, no sería la culpa lo que entra en juego, sino la vergüenza. [...] Cuando se desata la vergüenza, el problema no es el *yo* sino los *otros*”¹⁶.

Em última análise, na qualidade de autores do crime e do discurso, os midiaticizados jovens homicidas/suicidas invocam e embaralham essas duas dimensões – da culpa e da vergonha – num projeto que se pretende, desde sempre, infame. Dessa forma, através do aparato midiático, uma última audácia é cometida: uma inversão de status em que as vítimas, que possuíam evidente vida social, deixam de existir biologicamente pelas mãos do homicida se tornando, assim, derivadas da ação criminosa; ao passo que com o gesto subsequente, o suicídio, o próprio perpetrador confere à sua figura uma existência *post mortem* possibilitada, sobretudo, pelo efeito mnemônico realizado, principalmente, no terreno da mídia. Defendemos, pois, a importância desse olhar a respeito da sociedade contemporânea a partir da qual emergem indivíduos que “explodem” pessoas, sistemas e sentidos.

Referências

1. Velho G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 2008.
2. Foucault M. Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão. São Paulo: Graal; 2003.
3. Daemon, F. Sob o signo da infâmia: das violências em ambientes educacionais às estratégias midiáticas de jovens homicidas/suicidas. Rio de Janeiro: Garamond; 2015.
4. Nora P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Proj His [Internet]. 1993 [citado 2016 out. 10];(10):7-28. Francês. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>
5. Le Goff J. Memória e história. Lisboa: Casa da Moeda; 1989.
6. Vernant JP. A bela morte e o cadáver ultrajado. R Disc [Internet]. 1978 [citado 2016 out. 13]; (9):31-62. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37846/40573>
7. Ferraz MCF. Do espelho machadiano ao ciberespelho: interioridade na atual cultura somática. R FAMECOS [Internet]. 2009 [citado em 2016 out. 13];16(39):85-90. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5846/4240>
8. Pessoa F. Heróstrato e a busca da imortalidade. Lisboa: Assírio e Alvim; 2000.
9. Sibilía P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2008.

10. Gil J. Portugal, hoje: o medo de existir. Lisboa: Relógio D'Água; 2005.
11. Sartre JP. O Muro. São Paulo: Círculo do Livro; 1990.
12. Sibilia P. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto; 2012.
13. Bruno F. Contramanual para câmeras inteligentes: vigilância, tecnologia e percepção. Galáxia [Internet]. 2012 dez. [citado em 2016 out. 14];(24):47-63. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/9807/9426>
14. Sibilia P. O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais (segunda edição, revista e atualizada) - no prelo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, Coleção Artefíssil, 2015.
15. Vaz P. Na distância do preconceituoso: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea. In: Anais do 23º Encontro Anual da Compós; 27-30 mar. 2014; Belém [Internet]. Belém (PA): UFPA; 2014. [citado em 2016 out. 14]. Disponível em: http://www.compos.org.br/busca_anais.php?idEncontro=MjM=&termoBusca=Na%20dist%C3%A2ncia%20do%20preconceituoso:%20narrativas%20de%20bullying%20por%20celebridades%20e%20a%20subjetividade%20contempor%C3%A2nea
16. Sibilia P. A politização da nudez: Entre a eficácia reivindicativa e a obscenidade real. COMPÓS 2014 - Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. UFPA, Belém, PA, Brasil, 2014.